



ID: 67345660

14-12-2016

Norte Sul



Vida não melhorou para todos



Para o pequeno e médio agricultor as coisas pioraram, pois o rendimento tem diminuído”

Berta Santos Viticultora



Património Mundial População dos 13 concelhos com área classificada continua a diminuir enquanto os turistas são cada vez mais

Mais de 19 mil fugiram do Douro em 15 anos

LEONEL DE CASTRO/IGUAL MEDIA



Eduardo Pinto locais@jn.pt

► O Alto Douro Vinhateiro (ADV) comemora hoje 15 anos de Património Mundial da UNESCO. Ganhou visibilidade internacional, o turismo aumentou e o negócio dos

vinhos já ultrapassou a fasquia dos 500 milhões de euros. Mas nem assim consegue estancar a hemorragia de pessoas. De 2001 a 2015 perdeu, em média, 107 pessoas por mês no conjunto dos 13 concelhos com área classificada.

Francisco Lopes, presidente da

Comunidade Intermunicipal do Douro e da Câmara de Lamego resigna-se: “Estamos condenados a ser cada vez menos, mesmo que possamos viver melhor”. E Luís Ramos, deputado do PSD, está consciente de que “não se vai conseguir repor a população de há 50

anos”, mas, pelo menos, “a região está a ser atrativa para um conjunto de pessoas com algumas qualificações e com potencial”.

“O turismo não tem a dimensão suficiente para fazer com que a população cresça e a agricultura, por si só, não consegue fixar tanta po-

pulação quanto a desejada neste território”, considera, por seu lado, o autarca de Vila Real, Rui Santos.

É quase consensual que a região mudou muito deste que é Património Mundial, mas também que todos estavam à espera que se tivesse desenvolvido mais. “A expetati-

radiografia : Alto Douro Vinhateiro



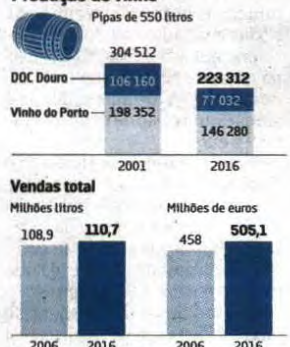
População residente

TOTAL DA REGIÃO	2001 (censos)	180 278	VAR.
	2015 (estimativa)	161 053	-11%
POR CONCELHO	2015	2001/2015	VAR.
Aljô	11 170	-21%	
Armamar	5973	-20%	
Carrazeda de Ansiães	5929	-22%	
Lamego	25 616	-9%	
Mesão Frio	4133	-16%	
Peso da Régua	16 310	-13%	
Sabrosa	6062	-14%	
Santa Marta de Penaguião	6894	-19%	
São João da Pesqueira	7418	-14%	
Tabuaço	6162	-9%	
Torre de Moncorvo	8037	-18%	
Vila Nova de Foz Côa	6848	-19%	
Vila Real	50 501	-1%	

Turismo na via navegável do Douro



Produção de vinho



FONTE: INE, PORDATA, INFOGRAFIA JN

Não vejo que a classificação tenha trazido alguma melhoria para a vida dos viticultores

Frederico Meireles
Viticultor



Apesar das restrições, produzir vinho numa zona que é património mundial é uma mais-valia

Victor Rabaçal
Viticultor



Há 15 anos a pipa de vinho tratado era paga a 1200 euros, agora é a 800. Estamos muito pior”.

Manuel Araújo
Viticultor

va é sempre muito elevada”, realça o vice-presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Norte, Ricardo Magalhães. Admite que o ADV possa, nos últimos 15 anos, “não ter respondido a 100% à expectativa criada”, mas “todos têm de reconhecer que se deu um passo de gigante, sobretudo em termos de abertura da região ao Mundo”.

António Fontainhas Fernandes, reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, sublinha que o que a região precisa é de “uma nova revolução”. E essa terá de passar por “um conjunto de novas políticas que possam permitir fixar turistas por mais tempo”. É que, como frisa Francisco Rocha, deputado do PS, apesar de o ADV ser um “motor fantástico” de atração de visitantes, “falta fazer corresponder esse fluxo intenso a índices de desenvolvimento local”.

Região deu um passo de gigante na sua visibilidade mundial

Para Ricardo Magalhães, o desafio é “trabalhar em políticas públicas setoriais” que visem o “apoio à promoção do emprego e ajudem a fixar a população”. “Trazer mais pessoas para a região é difícil”, torna Fontainhas Fernandes, mas, pelo menos, “há que inverter a trajetória de despovoamento, senão quem é que vai manter a paisagem?” É que, mesmo que o futuro passe pela agricultura inteligente, “as pessoas são necessárias para a proteger”.

Melchior Moreira, presidente do Turismo do Porto e Norte de Portugal, olha com algum otimismo para o futuro, pois nota que o ADV já “está a transformar-se para acrescentar novas atividades e serviços turísticos à sua cadeia de valor tradicional”.

Na cerimónia de comemoração dos 15 anos do estatuto da UNESCO, hoje, em Vila Real, Rui Santos vai lançar ao Governo “dois ou três desafios compatíveis com o património mundial, ecologicamente sustentáveis e que, a realizarem-se, serão verdadeiramente transformadores da região”.

a saber :

7

milhões, investimentos previstos para o Douro no âmbito do Norte 2020. Visam alavancar a internacionalização e exportação de vinhos e aumentar a notoriedade externa da região.

7106

projetos aprovados para o Alto Douro Vinhateiro, desde 2001, nos diversos ciclos de financiamento comunitário, representando um investimento de 1650 milhões de euros.

Internacionalização

● Já foram apoiadas 26 empresas, sobretudo do setor vinícola com projetos de alargamento da capacidade exportadora. Um investimento de 8,6 milhões de euros.

Mais hotéis no Douro

● Segundo a CCDR-Norte, estão aprovados três novos equipamentos hoteleiros para os concelhos de Alijó, Lamego e Peso da Régua. É um investimento de 6,3 milhões de euros.

Menos de duas noites

● A estada média dos turistas no Douro é de 1,6 noites, o que ainda é considerado muito pouco para uma região que é património mundial e onde a força do turismo é sazonal.

Gestão do bem melhorou

● Segundo o presidente da CIM Douro, Francisco Lopes, “o bem classificado está mais bem gerido, embora possa sempre melhorar, com o maior envolvimento de todas as entidades”.

Sessão evocativa

● Será hoje apresentado um balanço da projeção do ADV nos últimos anos e demonstração de como o território tem sabido preservar e conciliar os valores fundamentais da região.

Produz-se menos vinho, mas vende-se melhor

REGIÃO DEMARCADA O estatuto de Património Mundial da UNESCO não vendeu vinhos, mas direcionou os holofotes internacionais para a Região Demarcada do Douro e ajudou a dar-lhes mais visibilidade. “O vinho está na moda e há uma atenção grande sobre as regiões de produção”, realça Manuel Cabral, presidente do Instituto dos Vinhos do Douro e Porto (IVDP), enquanto António Saraiva, presidente da Associação de Empresas de Vinho do Porto, destaca que “houve alguma

evolução, pois ser património mundial gera, logo à partida, alguma curiosidade”. Manuel Cabral insiste que “há um interesse como nunca houve”, que os vinhos do Douro “estão sempre nas revistas internacionais”. Não só nas da especialidade, como também nas de estilos de vida e de natureza, o que “dá uma projeção muito grande à região em termos mundiais”.

A verdade é que, apesar da fama, as vendas de vinho do Porto têm vindo a cair no

mercado mundial e são as vendas a nível nacional que ajudam a equilibrar a balança. Já nos vinhos do Douro com Denominação de Origem Controlada (DOC) regista-se um crescimento enorme, duplicando mesmo os registos de 2006, o primeiro ano de que existem estatísticas no IVDP. No seu conjunto, os vinhos da Região Demarcada do Douro ultrapassaram em 2015, pela primeira vez, os 500 milhões de euros de negócio. Sem euforia, António Lima Costa, que era autarca de São João da Pesqueira aquando da classificação e que agora é deputado do PSD, frisa que “é necessário fazer com que os produtores de vinho da região demarcada, as pessoas que nela vivem e tratam da paisagem, possam ter um rendimento compatível com o seu trabalho. ●



Nos últimos 15 anos as quintas abriram-se ao turismo

Turismo fluvial pode chegar a um milhão em 2018

VIA NAVEGÁVEL O turismo fluvial é o único que é possível contabilizar no Douro e está crescer. A Administração dos Portos do Douro, Leixões e Viana do Castelo contabilizou mais de 863 mil turistas até outubro deste ano e prevê que em 2018 se ultrapasse a fasquia do milhão, em toda a via navegável, desde o Porto a Barca de Alva.

Os cruzeiros das pontes, entre o Porto e Gaia, são os que mais contribuíram para a subida da estatística, que, em 2001, a contar só

com os turistas que passaram pelo menos uma eclusa, se cifrou em mais de 281 mil turistas.

Os operadores exigem melhoria das condições para os turistas. Matilde Costa, diretora-geral da Barcadouro, diz que é preciso “modernizar a Linha do Douro e promover o comboio”, e desafia as entidades regionais a lutar também por esta causa. “Só assim os operadores do turismo terão condições para investir no território, fazendo crescer os níveis de visi-

tação e de dormidas”, acrescenta. Paralelamente, defende que o rio Douro seja, definitivamente, “uma autoestrada fluvial aberta durante 24 horas por dia, com melhores condições de navegabilidade e de acostagem”.

Seja por barco ou por meios próprios, o turismo faz funcionar a economia local. A Quinta do Vallado, na Régua, é um exemplo. Em 2001 não possuía qualquer infraestrutura turística. Desde então construiu dois pequenos hotéis, um na quinta e outro perto de Foz Côa, que totalizam 21 quartos, gerou uma equipa para visitas à adega e provas de vinhos, e criou uma loja de vendas. Segundo o diretor João Álvares Ribeiro, isto traduziu-se em “20 postos de trabalho” e uma faturação de “15 mil euros anuais” só da atividade turística, que já assume um “peso superior a 20% do volume de negócios”. ●

